

Luta ambiental feminina

Categories : [Marc Dourojeanni](#)

De Maria Buchinger a Marina Silva, passando por Alícia Bárcena, Barbara d`Achylle, Maria Tereza Jorge Pádua, Júlia Carabias-Lillo, Margarita Marino de Botero, Yolanda Kakabadse, Necá Marcovaldi, Rosa Villamayor, Mariela Leo, Niede Guidon, Rosalía Arteaga, Cecília de Blohm, Sônia Wiedman e, claro, de muitas mais, foi se construindo a história ambiental da América Latina, com seus sucessos e suas derrotas, que demasiadas vezes é vista ou relatada como coisa de homens. Mas não é assim, como se menciona nesta homenagem a algumas delas.

Em 1964, recém graduado, porém imbuído da responsabilidade de desenvolver o tema dos parques e reservas naturais e de manejo de fauna, fui informado da visita de uma dama famosa, que poderia ajudar a conseguir os recursos que precisávamos para desenvolver o incipiente programa de manejo de vicunhas. E, com efeito, chegou a Dra. Maria Buchinger, argentina de origem russa, mulher impressionante pela veemência que, obviamente, resolveu prontamente os nossos problemas. Maria, que então era líder indiscutível da nascente sociedade civil washingtoniana preocupada com a natureza na América Latina foi, por longo tempo, a madrinha de praticamente todas as iniciativas ambientais pioneiras nessa região. Na atualidade, a mulher mais famosa da América Latina em grande parte pela sua dedicação ao meio ambiente é, evidentemente, a brasileira Marina Silva. Sua vida é bem conhecida, da miséria do seringal perdido no interior do Acre até sua ascensão a senadora, ministra do Meio Ambiente e agora, candidata à Presidência da República. Pode-se criticar muita coisa com relação à obra de Marina Silva, mas, o que é impossível é desconhecer a legitimidade e a integridade que impregnam todas as suas ações e que fazem que ela seja tão respeitada por todos. É possível que sua contribuição mais importante seja ter elevado o debate ambiental no mais alto nível político e com sua linguagem simples, contundente e emotiva, ter chegado ao coração e à mente do povo. Marina foi substituída no Ministério por outra mulher, Izabela Teixeira, que é uma ambientalista destacada de longa data.

Outras mulheres precederam o caminho de Marina Silva na política dos seus países. Dentre elas as equatorianas Yolanda Kakabadse e Rosália Arteaga. Yolanda, com uma vida dedicada ao tema ambiental, presidiu a Fundação Natura, a mais importante do Equador, foi ministra de meio ambiente e, dentre muitos outros cargos, foi Presidente da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), a principal organização mundial neste campo. Yolanda bateu dois recordes simultaneamente: ser a primeira mulher que presidiu a UICN e ser também a primeira latino-americana no cargo. Atualmente ela é presidente do Fundo Mundial para a Natureza (WWF). Rosália, que foi vice-presidente e também, brevemente, Presidente da República, ingressou no tema ambiental dirigindo a Organização do Tratado de Cooperação

Amazônico.

Do México deve se mencionar a Alícia Bárcena, que foi subsecretaria de meio ambiente (vice-ministra) do seu país e que, dentre muitas outras funções, foi responsável por esse tema na Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e que desde 2006 é nada menos que subsecretaria geral da ONU. Em 2009 seu país a designou a “Mulher do Ano”. Também mexicana é Júlia Carabias-Lillo, secretária de recursos naturais e pesca e também pesquisadora reconhecida assim como destacadíssima participante em múltiplos foros internacionais.

A expressiva colombiana Margarita Marino de Botero foi presidente do Inderena e fundou o Colégio Villa de Leyva, uma instituição dedicada à formação ambiental. Ela foi também musa da Comissão Brüntland que preparou o famoso relatório “Nosso Futuro Comum” que precedeu a Conferência das Nações Unidas sobre ambiente e desenvolvimento, celebrada em 1992 no Rio de Janeiro. Outra colombiana, Cláudia Martínez, foi vice-ministra do meio ambiente e, também vice-presidente para o desenvolvimento sustentável da Corporação Andina de Fomento. No Brasil, outra personagem muito conhecida neste caso pelo seu trabalho na área sócio-ambiental, é Mary Allegretti, que inclusive foi secretária federal para a Amazônia. No Paraguai se destaca Rosa Villamayor, que foi subsecretária de ambiente após décadas de luta intensa por melhorar o trato aos recursos naturais a partir de organizações não-governamentais.

Nem todas as mulheres que ocuparam os mais altos cargos públicos relativos ao meio ambiente receberam aplausos unâimes. Muitas foram merecida ou imerecidamente criticadas, o que é normal quando se exercem funções que acima da vocação de servir e de melhorar o ambiente e conservar o patrimônio natural têm alto conteúdo político e, às vezes, partidário. Mas, em geral, suas contribuições foram muito importantes e marcantes, goste-se ou não do que fizeram. O único caso que merece ser citado por ser uma exceção foi o da política argentina María Julia Alsogaray, cuja gestão como ministra do meio ambiente do Presidente Menem foi propriamente dita como escandalosamente ruim.

Outras mulheres tiveram mais inclinação pela gestão direta e o trabalho no campo. Delas destaca-se a brasileira Maria Tereza Jorge Pádua, a minha esposa, que sendo jovem diretora dos parques nacionais e reservas equivalentes foi diretamente responsável pelo estabelecimento de muitas das mais importantes unidades de conservação do Brasil e que, dentre outras proezas, foi gestora dos bem sucedidos programas de conservação das tartarugas marinhas e peixe-boi. A ela se deve o excepcional trabalho ambiental desenvolvido pela Companhia Energética de São Paulo e, assim mesmo, as primeiras experiências brasileiras de gestão de unidades de conservação mediante organizações não-governamentais. Ela foi, ainda, secretária geral e presidente do Ibama e fundadora da Funatura, uma das mais importantes entidades privadas dedicadas ao Cerrado. Outras duas mulheres também presidiram o Ibama: Tânia Munhoz, durante um longo e frutífero período, e Marília Marreco.

Na linha de ação no terreno se insere também a peruana Mariela Leo, que passou décadas

trabalhando no mato pesquisando a biologia de espécies da fauna amazônica, especialmente do mono de cauda amarela e ainda lutando pela sua conservação no terreno, a partir da associação civil Apeco, que ela contribuiu para criar e da qual tem sido presidente. A brasileira Necá Marcovaldi é outro exemplo de dedicação à causa ambiental, tendo construído e defendido no mar e nos foros o já mencionado projeto da tartaruga marinha. Ela soube conjugar seu trabalho de campo com uma administração inteligente que fez deste projeto um sucesso de ressonância mundial. O Brasil também dá o exemplo extraordinário da arqueóloga Niede Guidon que além de revelar ao mundo fatos extraordinários sobre a história das Américas foi promotora de um parque nacional estupendamente manejado e do desenvolvimento social e econômico de uma das regiões mais pobres do país. E, dentro deste grupo, que combina o trabalho de campo com a teoria, deve se citar a advogada brasileira Sônia Wiedman que tanto se destacou dirigindo turmas para fazer planos de manejo e outros duros trabalhos de campo, como por suas sofisticadas análises e apresentações como procuradora geral do Ibama.

O jornalismo ambiental latino-americano teve pelo menos uma heroína inesquecível pela qualidade do seu trabalho e pelo seu compromisso com o tema e com a veracidade. Ela foi a peruana Barbara d'Achylle, cujas crônicas ambientais no jornal *El Comercio* de Lima são inesquecíveis. Ela foi absurdamente massacrada, apedrejada, pelos terroristas do infame Sendero Luminoso, enquanto cobria uma reportagem sobre as vicunhas.

Uma lista mais completa de mulheres que lutaram e lutam pela melhoria do ambiente dos seus países deve incluir a venezuelana Cecília de Blohm, que foi pioneira da participação da sociedade civil em temas ambientais; as brasileiras Suzana Pádua (principalmente para a educação ambiental) e Ângela Tresinari (dedicada às áreas protegidas); as peruanas Patricia Majluf (pesquisa e conservação dos recursos marinhos) e Lily Rodríguez (especialista mundial em batráquios e impulsora de áreas protegidas na Amazônia); a equatoriana Helena Landázuri (uma das gestoras da Fundação Natura) e a muitas outras. Todavia, o espaço não é suficiente para falar de todas.

O que fica evidente é que são muitas mulheres destacadas, muito mais do que em geral se imagina, e que deixaram marcas indeléveis. Não há estatísticas sobre a proporção de cargos de ministros e vice-ministros de meio ambiente que nos últimos anos corresponderam a mulheres, mas é óbvio que a participação feminina foi muito elevada. Menos ainda há estatísticas da influência de mulheres sobre as grandes obras e fatos ambientais na região, sejam estas leis e decisões importantes, instituições, novas unidades de conservação, conhecimento científico para a conservação da natureza ou educação. O que não se duvida é que o aporte feminino é enorme e a cada dia maior.

Algumas nasceram muito pobres, outras sempre pertenceram às classes dominantes. Algumas foram premiadas, por exemplo, duas delas receberam o Prêmio Getty. Outras nunca foram distinguidas no nível internacional. Nem todas as mulheres citadas tiveram o mesmo nível de compromisso com a causa ambiental. Algumas trabalharam e trabalham ainda somente para a

causa e nunca se desviaram dela. Outras serviram a essa causa, mas também a outras. Neste artigo se mencionam apenas e a título de preâmbulo alguns feitos destacados sobre essas mulheres. De fato, o que foi mencionado sobre cada uma delas nem chega a ser uma mostra do que realmente elas fizeram para legar um mundo melhor aos latino-americanos. Cada uma delas merece um artigo completo e porque muitas delas são famosas, esses artigos já existem. Convido os leitores a se informar mais sobre elas. Eu tive o extraordinário privilégio de conhecer todas as mulheres citadas aqui. Mas reconheço que as mencionadas são apenas algumas das muitas que deveriam ser mais e melhor lembradas quando se fala ou se escreve sobre o tema ambiental.